

ASSOCIAÇÃO ENTRE ESTILOS PARENTAIS E DEPRESSÃO NO INÍCIO DA VIDA ADULTA

ASSOCIATION BETWEEN PARENTING STYLES AND DEPRESSION IN EARLY ADULT LIFE

Lucas Arcanjo da Silva¹
Anna Luísa Ribeiro Oliveira Contim²
Augusto Ramos Ferreira Leite³
Kênnia Luisa Siqueira Sousa de Almeida⁴
Thatiane Ribeiro Nunes⁵
Bruna Rocha de Almeida⁶

RESUMO

O estilo parental pode ser um fator de proteção ou de risco para o desenvolvimento psicológico saudável das pessoas. As práticas educativas parentais negativas podem trazer prejuízos à saúde mental dos filhos e influenciar o desenvolvimento de sintomas depressivos, assim como as práticas educativas positivas estão relacionadas ao desenvolvimento da autonomia e da autoconfiança e, conseqüentemente, ao bem-estar psicológico. Este estudo objetivou investigar possíveis associações entre a percepção dos estilos parentais paterno e materno durante a adolescência e a incidência de sintomatologia depressiva em jovens adultos de 18 e 19 anos de idade. Foi realizada uma pesquisa transversal, descritiva e correlacional, com amostra de conveniência. Participaram 65 jovens adultos, sendo 49 mulheres e 16 homens. Para a coleta de dados foram utilizados um Questionário Sociodemográfico, o Center for Epidemiological Scale-Depression (CES-D) e o Inventário de Estilos Parentais (IEP). Os dados foram coletados por meio de um formulário online. Foi realizada análise descritiva e bivariada com o auxílio do software Stata 12. Observou-se um alto nível de incidência de depressão entre os participantes e predominância de estilo parental paterno e materno regular e de risco durante a adolescência. Apesar disso, não foi encontrada associação entre as variáveis estudadas. Sugere-se novas pesquisas que investiguem a associação entre os estilos parentais e presença de sintomatologia depressiva no início da vida adulta, objetivando compreender melhor o fenômeno e promover a qualidade na saúde mental desses jovens.

Palavras-chave: Depressão. Estilo parental. Adulter jovem.

ABSTRACT

The parenting style can be a protection or a risk factor for people's healthy psychological development. Negative parenting practices can harm the mental health of the children and influence the development of depressive symptoms, as much as positive educational practices

¹ Psicólogo graduada pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e-mail: lcsrenj@gmail.com

² Psicóloga graduada pela UNIVALE, e-mail: annaluisa103@gmail.com

³ Psicólogo graduada pela UNIVALE, e-mail: augusto.rfl@hotmail.com

⁴ Psicóloga graduada pela UNIVALE, e-mail: kennialalmeida@gmail.com

⁵ Psicóloga graduada pela UNIVALE, e-mail: thatianeribeironunes@gmail.com

⁶ Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Curso de Psicologia da UNIVALE e coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicologia (NEP), e-mail: bruna.r.almeida@gmail.com.

are related to the development of autonomy and self-confidence, and consequently the psychological well-being. This study aimed to investigate possible associations between the perception of maternal and paternal parenting styles during adolescence and the incidence of depressive symptoms in young adults aged 18 and 19 years. A cross-sectional, descriptive and correlational survey was carried out with convenience samples. Sixty-five young adults between 18 and 19 years old participated; 49 women and 16 men. For data collection, a Sociodemographic Questionnaire, the Center for Epidemiological Scale-Depression (CES-D) and the Parenting Style Inventory (PSI) were utilized. The data were collected through an online form. Descriptive and bivariate analysis was performed using the Stata 12 software. A high level of incidence of depression was observed among the participants, as well as a predominance of regular and risky paternal and maternal parenting style during adolescence. Despite that, no association was found between the variables studied. Further surveys are suggested to investigate the association between parenting styles and the presence of depressive symptoms in early adulthood, aiming to better understand the phenomenon and promote quality in the mental health of these young people.

Keywords: Depression. Parenting style. Young adulthood.

INTRODUÇÃO

A depressão consiste em um transtorno mental que pode ser desenvolvido em qualquer estágio do curso de vida. Estudos apontam a doença como a patologia que mais atingirá a população mundial no século 21 (QUEMEL, 2021; VIEIRA, 2018; WHO, 2017).

Algumas variáveis, como a qualidade dos contextos familiar, escolar, ambiental e cultural, influenciam na incidência da sintomatologia depressiva, pois exercem influência direta e indireta nos resultados desenvolvimentais. Dentre os fatores supracitados, destaca-se o grupo familiar, considerado o primeiro contexto de desenvolvimento da pessoa. Ressalta-se que a família pode oferecer tantos recursos que minimizem ou neutralizem os efeitos de risco e preveem consequências positivas, quanto condições que aumentem a probabilidade de consequências negativas no desenvolvimento (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

REVISÃO DE LITERATURA

A literatura demonstra que as mães e pais são primordiais no desenvolvimento humano, assim como também são os principais agentes da socialização e grandes influenciadores de muitas das características emocionais, cognitivas e comportamentais de seus filhos sendo responsáveis por transmitir habilidades, motivação, valores, convicções e padrões culturais que permita que a pessoa desenvolva sua personalidade (REMUS, 2020; WEBER, 2017).

Nessa perspectiva, o estilo parental é uma variável relevante para que os filhos se desenvolvam psicologicamente de forma saudável. Partindo do entendimento de que os estilos parentais são as condutas repetidas e atitudes educativas utilizadas pelos pais, na intenção de educar, socializar e controlar os filhos (ROZEMBERG *et al.*, 2014), compreender o estilo parental possibilita entender e identificar as crenças e os valores pelos quais são baseadas as práticas exercidas pelos genitores. Práticas parentais marcadas por exigência adequada e apoio, com características de exigência e responsividade, incluindo atitudes compreensivas, apoio emocional e comunicação adequada, tendem a estar associadas ao desenvolvimento de autonomia, sentimentos de autoconfiança, persistência e orientação positiva para o futuro (JUSTOS; LIPP, 2010; WEBER, 2017). Essas práticas podem também ser enquadradas como: ‘Estilo parental ótimo’ e ‘Estilo parental bom’, ‘Estilo parental regular’ e ‘Estilo parental ruim’. Os dois primeiros termos indicam que “a maioria das práticas parentais estão voltadas para o fortalecimento de habilidades pró-sociais, com ênfase em acompanhamento dos filhos e ensinamentos de comportamentos morais” (GOMIDE, 2021, p. 75).

Já o ‘Estilo parental regular’ e ‘Estilo parental ruim’ se referem a “práticas parentais negativas que estão associadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais” (GOMIDE, 2021, p. 75). Essas práticas são marcadas pela negligência parental, excesso de controle e falta de encorajamento pelos genitores/cuidadores, o que pode promover dúvidas no filho com relação às suas próprias capacidades e influenciar negativamente na sua autoestima, desencorajando-o no interesse e engajamento para resolução de problemas vivenciados (BARDAGI, 2002). Especificamente a negligência parental está associada com o estabelecimento de relações disfuncionais entre pais e filhos, bem como falta de condições para o desenvolvimento de competências sociais e de bem-estar psicológico. Famílias com genitores/cuidadores negligentes estão associadas ao desenvolvimento de vulnerabilidade a situações de estresse e depressão nos filhos (JUSTOS; LIPP, 2010; WEBER, 2017).

Em uma pesquisa com 787 jovens universitários com idade entre 18 e 25 anos feita por Granja e Mota (2018), os resultados indicam como o estilo parental está ligado ao desenvolvimento de competências e bem-estar psicológico em jovens adultos. Os resultados demonstram que pais com prevalência de comportamentos focados em punição e obediência podem impactar negativamente no desenvolvimento de autonomia de seus filhos, contribuindo para um baixo nível de bem-estar psicológico. Por outro lado, o contrário acontece com pais receptivos e afetuosos, que colaboram positivamente para o bem-estar psicológico de jovens adultos.

Sousa (2009) reforça que o estilo parental pode estar diretamente ligado à ansiedade social em jovens. Os resultados de sua pesquisa, indicam que jovens adultos com níveis elevados de ansiedade social revelaram ter experienciado mais características de práticas parentais punitivas, enquanto jovens adultos com menores níveis de ansiedade social, em sua maioria, relataram o convívio com pais que adotaram práticas parentais afetuosas e com disciplina positiva.

Nessa perspectiva, pode-se supor que o estilo parental regular ou ruim é um fator que influencia na saúde mental dos jovens adultos, em especial no desencadeamento de sintomatologia depressiva, pois afeta negativamente o desenvolvimento global da pessoa, em especial a sua saúde mental. Diante do exposto, este estudo tem por objetivo investigar possíveis associações entre a percepção dos estilos parentais paterno e materno durante a adolescência e a incidência de sintomatologia depressiva em jovens adultos de 18 e 19 anos. Especificamente, objetiva-se: (1) investigar a incidência de sintomatologia depressiva em jovens adultos e (2) investigar a percepção dos participantes acerca do estilo parental de suas mães e pais durante a sua adolescência.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa transversal, descritivo e correlacional, realizado com amostra de conveniência.

Participaram do estudo 65 jovens adultos com idade entre 18 e 19 anos, sendo 49 mulheres e 16 homens. Todos os participantes conviveram com ao menos um dos seus genitores ou pai/mãe adotivo durante a adolescência. Na exposição dos resultados não será feita distinção entre pais e mães biológicos e adotivos.

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos de autorrelato: o Questionário Sociodemográfico, o *Center for Epidemiological Scale-Depression* (CES-D) e o Inventário de Estilos Parentais (IEP).

1) O Questionário Sociodemográfico foi elaborado para esta pesquisa e tem por objetivo a caracterização da amostra a partir das seguintes variáveis: raça/cor; idade; renda familiar; composição familiar; escolaridade dos pais.

2) A *Center for Epidemiological Scale-Depression* (CES-D) foi elaborada para avaliar sintomas depressivos na população geral e objetiva averiguar os níveis de afetividade e humor. Identifica não apenas os sintomas depressivos como também sua gravidade, indicada pelo

número e pela frequência de sintomas (SCHESTATSKY, 2002). É um instrumento de fácil aplicação e entendimento pelos participantes, constituído por 20 questões de múltipla escolha. Cada resposta tem sua pontuação de acordo com sua ordem de sintomas: raramente ou nunca (0); poucas vezes (1); às vezes (2); quase sempre ou sempre (3). A pontuação final pode variar entre 0 e 60 pontos. Pontuações iguais ou maiores que 16 são indicativos de depressão.

3) O Inventário de Estilos Parentais (IEP) foi elaborado por Gomide (2021) e é um instrumento nacional que avalia as práticas parentais utilizadas pelos pais ou cuidadores para educar filhos. É composto por 42 questões que correspondem às sete práticas educativas, sendo duas positivas (monitoria positiva; comportamento moral) e cinco negativas (punição inconsistente; negligência; disciplina relaxada; monitoria negativa; abuso físico). Para cada questão, o participante deve marcar entre as opções ‘nunca’, ‘às vezes’ ou ‘sempre’, que são pontuadas em ‘0’, ‘1’ ou ‘2’, respectivamente. O cálculo do índice de estilo parental é feito pela subtração da soma das práticas positivas em relação à soma das práticas negativas. O escore obtido foi analisado conforme as instruções disponíveis no manual de aplicação do instrumento. Ao fim, o estilo parental é classificado entre ‘estilo parental ótimo’, ‘estilo parental bom’, ‘estilo parental regular’ e ‘estilo parental de risco’.

O IEP tem três versões: 1) quando pais/mães respondem sobre as práticas educativas utilizadas em relação ao filho; 2) quando os filhos respondem sobre as práticas educativas utilizadas por seu pai; 3) quando os filhos respondem sobre as práticas educativas utilizadas por sua mãe. Para este estudo, foram utilizadas apenas as duas versões em que o filho é respondente. Os participantes que conviveram com pai e mãe, biológicos ou adotivos, durante a adolescência, responderam às versões sobre as práticas paternas e maternas. Já os participantes que tiveram apenas um cuidador, seja ele pai ou mãe, biológico ou adotivo, responderam apenas um instrumento. Destaca-se que as questões do instrumento sobre as práticas paternas e maternas são idênticas, sendo adaptadas apenas quanto ao gênero masculino e feminino (ex.: Questão 6: ELE critica qualquer coisa que eu faça / ELA critica qualquer coisa que eu faça).

Após a aprovação do projeto da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº5.358.033), os jovens adultos foram recrutados a partir do formato “Bola de Neve” que, conforme explica Bockorni e Gomes (2021), é uma técnica para coleta de dados que possibilita acesso à pesquisa a partir de um intermediário para iniciar a amostragem.

Para o início da coleta de dados, o formulário foi enviado via aplicativo de mensagens para pessoas com idade entre 18 e 19 anos que eram conhecidas dos pesquisadores. Era solicitado a essas pessoas que respondessem aos instrumentos contidos no formulário de pesquisa e que o redirecionassem para outras pessoas de mesma idade.

Ao acessar o link do Formulário, os participantes tiveram acesso a uma breve explicação do projeto de pesquisa. Aqueles que se interessaram em iniciar a participação na pesquisa, assentiram quanto ao seu consentimento e foram direcionados pelo formulário para os instrumentos de coleta de dados, que foram apresentados na seguinte ordem: 1) Questionário sociodemográfico; 2) CES-D 3) IEP. Após finalizarem o preenchimento dos questionários, os participantes selecionavam a opção submeter e os dados eram direcionados à Plataforma Google.

Os instrumentos foram corrigidos de acordo com as normas propostas por seus autores. Para a análise do CES-D, optou-se por utilizar dois pontos de corte: além do escore 16 para depressão leve a moderada, definiu-se arbitrariamente a pontuação 40 para categorizar participantes com possíveis sinais de depressão grave.

Os dados foram tabulados e submetidos à análise descritiva e bivariada com o auxílio do software *Stata 12*. O coeficiente de correlação não paramétrico de Pearson foi utilizado para avaliar a existência de correlações significativas entre os indicadores de depressão, estilo parental e características sociodemográficas.

Para determinar se as associações encontradas eram estatisticamente significativas, utilizou-se o nível de significância de 5%. Assim consideraram-se como significativas, diferenças e associações cuja probabilidade de significância do teste, p-valor, é menor ou igual a 0,05.

RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Participaram deste estudo 65 jovens com idade entre 18 e 19 anos, havendo predominância de participantes do gênero feminino em detrimento daqueles do gênero masculino, conforme pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

		Mulheres		Homens	
		n	%	n	%
Raça/cor	Branca	23	46,9	8	50
	Preta	9	18,4	2	12,5
	Parda	16	32,7	6	37,5
	Amarela	1	2	-	-
Idade	18	24	49	6	37,5
	19	25	51	10	62,5
Renda familiar	< salário mínimo	13	26,5	1	6,3
	> 1SM-2SM	10	20,4	3	18,7
	> 2SM-3SM	8	16,3	1	6,3
	> 3SM-5SM	11	22,6	5	31,2
	> 5SM-10SM	6	12,2	2	12,5
	> 10SM	1	2	4	25
Com quem residia durante a adolescência	Com pai e mãe	31	63,3	11	68,8
	Apenas com o pai	1	2	1	6,2
	Apenas com a mãe	17	34,7	4	25
Escolaridade do pai	Ens. Fundamental	11	26,8	5	35,7
	Ens. Médio	22	53,7	5	35,7
	Ens. Superior	8	19,5	4	28,6
Escolaridade da mãe	Ens. Fundamental	9	19,6	2	12,5
	Ens. Médio	17	36,9	4	25
	Ens. Superior	20	43,5	10	62,5

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A renda familiar dos participantes variou entre menos de um salário mínimo a mais de dez salários. Observa-se maior frequência de participantes de raça branca e que residiram com pai e mãe durante a adolescência. A maior parte dos genitores dos participantes apresentaram escolaridade média ou superior. Importa destacar que há maior frequência de mães com ensino superior completo que pais.

Prevalência de depressão em jovens adultos

A Tabela 2 apresenta a prevalência de sintomas depressivos entre os participantes, de acordo com o gênero.

Tabela 2 - Prevalência de depressão por gênero

Depressão	Mulheres		Homens		Total	
	n	%	n	%	n	%
Com sintomatologia	48	98	15	93,8	63	96,9
Sem sintomatologia	1	2	1	6,2	2	3,1

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A análise dos resultados da CES-D a partir do pressuposto de que o escore total igual ou maior que 16 indica depressão, demonstrou que a maioria dos participantes apresenta sintomatologia depressiva, conforme pode ser observado na Tabela 2.

Ao se considerar os participantes que atingiram o escore igual ou acima de 40 na CES-D, observa-se que nove mulheres e dois homens apresentam indicação para sintomatologia de depressão grave, conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Prevalência de depressão grave por gênero

Depressão	Mulheres		Homens		Total	
	n	%	n	%	n	%
Com sintomatologia	9	18,4	2	12,5	11	16,9
Sem sintomatologia	40	81,6	14	87,5	54	83,1

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A análise bivariada não demonstrou qualquer associação significativa entre sintomatologia depressiva e as variáveis gênero, cor, idade, renda familiar e escolaridade de pai e mãe.

Foi questionado aos participantes se nos últimos trinta dias ocorreu algo que pudesse estar influenciando o seu humor. 25 mulheres e 5 homens responderam afirmativamente a questão, destacando, por exemplo, os seguintes fatos: "Me sinto pressionada pela minha mãe a ser algo que não queria ser"; "A falta de apoio em me mudar de cidade pra cursar uma universidade"; "A forma que meus pais têm me humilhado por bobagens, como por exemplo, amaldiçoarem por não conseguir corresponder com tudo que eles querem"; "eu sou lésbica e a minha família sabe porém não aceita, e a mãe vive falando de homossexual e como deve ser ruim pros pais descobrirem que tem um filho gay e ela fala isso e sempre dá uma olhadinha pra mim e isso me deixa bastante chateada". Observou-se uma associação positiva estatisticamente

significativa entre a resposta dos participantes a essa pergunta e a presença de sintomatologia depressiva grave ($p=0,013$).

Percepção dos estilos parentais paternos e maternos desempenhados por pais e mães durante a adolescência dos participantes

A Tabelas 4 e 5 apresentam a percepção dos participantes acerca do estilo parental de seus pais e mães durante o período da sua adolescência.

Tabela 4 - Percepção do estilo parental paterno

Estilos Parentais	Estilo Paterno					
	Mulheres		Homens		Total	
	n	%	n	%	n	%
Ótimo	3	9,4	1	8,3	4	9,1
Bom	4	12,5	1	8,3	5	11,3
Regular	7	21,8	2	16,7	9	20,5
Risco	18	56,3	8	66,7	26	59,1

Nota. 17 mulheres e quatro homens não conviveram com o pai durante a adolescência.
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Tabela 5 - Percepção do estilo parental materno

Estilos Parentais	Estilo Materno					
	Mulheres		Homens		Total	
	n	%	n	%	n	%
Ótimo	5	10,4	1	6,7	6	9,5
Bom	4	8,3	1	6,7	5	7,9
Regular	15	31,3	3	20	18	28,6
Risco	24	50	10	66,6	34	54

Nota. Uma mulher e um homem não conviveu com a mãe durante a adolescência.
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

É possível observar nas Tabelas 4 e 5 que a maior parte dos participantes (81,3% das mulheres e 86,6% dos homens) percebeu que suas mães apresentavam práticas parentais condizentes com o estilo parental regular ou de risco. O mesmo ocorre com o estilo parental paterno, em que 78,1% das mulheres e 83,4% dos homens identificaram as práticas parentais dos seus pais e mães como regular ou de risco.

Verifica-se que os homens relatam o uso de práticas parentais negativas com maior frequência que as mulheres.

Associação ente práticas parentais e sintomatologia depressiva

A Tabela 6 apresenta a associação entre a percepção do estilo parental paterno e materno durante a adolescência e a incidência de sinais atuais de depressão.

Tabela 6 - Associação entre estilo parental paterno e materno e sinais de depressão

	Mulheres							
	Estilo paterno regular ou de risco		Estilo paterno ótimo ou bom		Estilo materno regular ou de risco		Estilo materno ótimo ou bom	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Depressão grave	5	20	1	14,3	9	23	-	-
Depressão leve a moderada	19	76	6	85,7	29	74,4	9	100
Sem depressão	1	4	-	-	1	2,6	-	-
	Homens							
	Estilo paterno regular ou de risco		Estilo paterno ótimo ou bom		Estilo materno regular ou de risco		Estilo materno ótimo ou bom	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Depressão grave	2	20	-	-	2	15,3	-	-
Depressão leve a moderada	8	80	2	100	10	77	2	100
Sem depressão	-	-	-	-	1	7,7	-	-
	Total							
	Estilo paterno regular ou de risco		Estilo paterno ótimo ou bom		Estilo materno regular ou de risco		Estilo materno ótimo ou bom	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Depressão grave	7	20	1	11,1	11	21,2	-	-
Depressão leve a moderada	27	77,1	8	88,9	39	75	11	100
Sem depressão	1	2,9	-	-	2	3,8	-	-

Nota. Para este estudo, considerou-se depressão leve a moderada a pontuação de 16 a 39 na CES-D. Para depressão grave, considerou-se a pontuação igual ou acima 40.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Conforme se observa na Tabela 6, a maior parte dos participantes que apresentam sintomatologia condizente com depressão leve a moderada ou grave percebem o estilo parental paterno e materno como regular ou de risco. Ao mesmo tempo, os participantes sem sinais de depressão também relatam estilo parental de risco. Não houve correlação estatisticamente significativa entre os estilos parentais e sintomatologia depressiva.

DISCUSSÃO

Este estudo evidenciou uma série de resultados sobre a incidência de sintomatologia depressiva em jovens adultos e sua associação com os estilos parentais. Uma questão importante a se observar é que embora a menor parte dos participantes tenha apresentado sintomas referentes à depressão grave, a maioria dos participantes apresentou indicativos de depressão leve ou moderada. O período de transição da adolescência para a vida adulta pode ter sido um dos fatores que influenciaram na incidência de sintomas depressivos nos participantes.

Papalia e Martorell (2022) e Fiorini, Moré e Bardagi (2017) destacam que mudanças desenvolvimentais como o aumento da responsabilidade sobre si, a entrada no mercado de trabalho e a busca por uma independência financeira, influenciam fortemente a vida do jovem adulto. Além disso, ressalta-se a conjuntura atual marcada pelas consequências da COVID-19. Como mostram Barros et al. (2020) e Da Silva (2022), a pandemia contribuiu de forma significativa para a elevação da incidência dos sintomas depressivos na população em geral, mas de forma especial em jovens adultos.

O estudo feito no início da pandemia por Barros *et al.* (2020) mostrou altos índices de brasileiros que se sentiram tristes ou deprimidos na maior parte do tempo durante o período estudado. Foi constatado um aumento nos relatos sobre problemas relacionados ao sono e uma constância dos participantes em se sentirem nervosos e tristes. A pesquisa mostrou que no decorrer da pandemia os jovens adultos foram os que apresentaram maior prevalência de sintomas negativos quando comparados às pessoas de idades mais avançadas.

Da Silva (2022), evidenciou que o contexto causado pela pandemia desencadeou uma série de sentimentos na população, sendo que a ansiedade e a preocupação foram os aspectos mais relatados, com 62,7% e 53% respectivamente. A pesquisa indicou ainda que apenas 20,1% dos participantes se sentiram deprimidos, percentual menor que o obtido nesta pesquisa. Os participantes apontaram que sofreram grandes impactos no que diz respeito à sua vida social (70,9%), profissional (63,4%), psicológica (55,2%) e familiar (53,7%) por causa do isolamento social.

Os dados obtidos pela presente pesquisa corroboram com os estudos que indicam o aumento dos sintomas depressivos nos jovens adultos, em especial para depressão grave em participantes que relataram que nos últimos 30 dias ocorreu algo que estivesse influenciando o seu humor. Contudo, são dissonantes daqueles que tratam sobre diferenças de gênero e incidência de depressão. Um número expressivo de estudos indica que a depressão se mostra mais presente em mulheres do que em homens (DE SOUZA; MARIN; RODRIGUES, 2021;

JARDIM; CASTRO; FERREIRA-RODRIGUES, 2020; MALTONI; DE CAMARGO; NEUFELD, 2019). As pesquisas constataam que alguns fatores psicossociais podem estar ligados à prevalência dos sintomas nas mulheres, dentre eles: fatores biológicos; uma dupla jornada de trabalho; abusos psicológicos: e a falta de apoio social (BARROS *et al.*, 2020; MALTONI; DE CAMARGO; NEUFELD, 2019).

Acerca da relação entre gênero e sinais de depressão, apesar de a literatura indicar maior prevalência entre mulheres, os resultados do presente estudo não encontraram uma diferença estatisticamente significativa entre gênero. Este resultado pode ser explicado pelo fato de que nesta pesquisa há uma frequência bem maior de participantes do gênero feminino, o que pode ter enviesado o resultado. Essa é uma questão recorrente nas pesquisas brasileiras, nas quais se observa a maior participação de mulheres que de homens. Essa mesma situação ocorreu nos estudos de Costa *et al.*, (2019), Sobrinho e Campos (2016) e Wendt e Lisboa (2013). É preciso envidar esforços para mobilizar a população masculina a fim de proporcionar um aumento do número de pessoas desse gênero nas pesquisas, já que o baixo percentual de participantes do gênero masculino pode comprometer uma adequada compreensão do fenômeno investigado.

Acerca das práticas parentais percebidas pelos jovens adultos participantes desta pesquisa, observou-se que o estilo parental verificado com maior frequência foi o estilo parental regular e de risco, tanto para as práticas paternas quanto maternas. Este dado é consoante com estudos nacionais e estrangeiros que apresentam resultados que indicam uma maior frequência de práticas educativas associadas ao estilo parental de risco, como o de Mensah e Kuranchie (2013) e o de Avelino, Neves e Limaverde (2020).

Esse é um fator preocupante, tendo em vista que o estilo parental regular e de risco pode afetar o desenvolvimento dos filhos e ser um fator de risco associado a sintomas depressivos (BARDAGI, 2002; REMUS, 2020), comportamentos antissociais (GOMIDE, 2021), ansiedade social (SOUSA, 2009) e baixo bem-estar psicológico (GRANJA; MOTA, 2018). Toni e Silves (2013), no intuito de entender sobre a influência das práticas educativas paternas e maternas em relação ao comportamento de adolescentes, promoveram uma pesquisa com 112 participantes, com idade entre 11 e 13 anos. Os resultados indicaram que as práticas parentais determinam uma parte significativa dos comportamentos de risco e proteção à saúde adotados por adolescentes. Tal achado está em concordância com outros estudos que indicam a influência das práticas parentais em diferentes aspectos da vida de adolescentes (SAKURAMOTO; SQUASSONI; MATSUKURA, 2014; TONDOWSKI, *et al.*, 2015).

O estudo de Maia e Soares (2019) objetivou perceber as diferenças das práticas educativas paternas e maternas percebidas pelos filhos. Os dados indicam que as mães têm uma maior participação com os cuidados dos filhos se comparado aos pais, que por sua vez, são mais ausentes em atividades cotidianas. Em relação às diferenças de gênero, Sampaio e Vieira (2010) relatam em sua pesquisa que existem percepções diferentes de filhos e filhas em relação ao estilo parental paterno, fato que não ocorre em relação ao estilo materno, que geralmente é percebido de forma semelhante. Os dados analisados demonstram diferenças dos cuidados paternos e maternos em relação ao gênero feminino e masculino, sendo que o pai participa mais dos cuidados de seus filhos homens e as mães tendem a ter uma cobrança maior em relação ao comportamento moral de suas filhas mulheres.

Tendo em vista que as práticas parentais podem afetar o indivíduo em diferentes aspectos durante a infância e a adolescência, torna-se possível hipotetizar que posteriormente tais práticas poderão impactar na vida e formação das individualidades de jovens adultos. Os estudos de Boeckel e Sarriera (2006), Granja e Mota (2018) e Quintal (2021) fortalecem tal hipótese quando apresentam informações que demonstram a correlação entre os estilos parentais adotados por genitores e possíveis impactos positivos e negativos no bem-estar de jovens adultos.

Apesar das informações expostas acima, neste estudo não foi observado correlação entre o estilo parental e a presença de sintomas depressivos em jovens adultos. Cabe lembrar que os participantes, ao responderem os questionários utilizados nesta pesquisa, lembraram experiências vivenciadas na adolescência, fase na qual a percepção dos estilos parentais pode ser mais negativa tendo em vista que este é um momento em que as pessoas tendem a questionar as regras familiares e a buscar pela validação daquilo que entendem como necessidades individuais.

Não é possível saber se houve mudança na percepção do estilo parental da adolescência para o início da vida adulta e de que forma esta possível mudança influencia a saúde mental dos filhos. Além disso, apesar de o estilo parental influenciar fortemente a saúde mental de adolescentes, é possível que no início da vida adulta esta influência seja diminuída ao mesmo tempo em que outros fatores se sobrepõem, como a entrada no mercado de trabalho e a relação com parceiros íntimos. Novas pesquisas longitudinais devem buscar comparar a percepção de adolescentes e jovens adultos e de seus genitores acerca das práticas parentais adotadas na família para melhor compreender de que forma essas práticas estão associadas à sintomatologia depressiva.

CONCLUSÃO

Este estudo apresentou uma série de resultados sobre depressão em jovens adultos e sua percepção de estilos parentais durante a adolescência. Observou-se um alto nível de incidência de depressão entre os participantes e predominância de estilo parental regular e de risco durante a adolescência. Apesar disso, não foi encontrada associação entre as variáveis estudadas.

Os achados desta pesquisa podem contribuir para ampliação no entendimento do processo de início da vida adulta, com ou sem psicopatologias, compreendendo essa transição como importante e necessária. Contudo, sugere-se novas pesquisas que investiguem a associação entre os estilos parentais e presença de sintomatologia depressiva no início da vida adulta, objetivando compreender melhor o fenômeno e promover a qualidade na saúde mental dos jovens adultos.

REFERÊNCIAS

- AVELINO, A. R. S. G. B.; NEVES, S. S.; LIMAVERDE, P. T. Prevalência de práticas parentais negativas e estilo parental de risco em pais de estudantes de uma escola de ensino gratuito. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 22486-22492, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n4-421>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BARDAGI, M. P. **Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_8587415d730dfb55c72a78bb4cd4b657. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BARROS, M. B. A. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. 01-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021. Disponível em: . Acesso em: 14 ago. 2023.
- BOECKEL, M. G.; SARRIERA, J. C. Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 3, p. 53-65, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12822006000300007. Acesso em: 14 ago. 2023.

COSTA, C. O. *et al.* Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 2, p. 92-100, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000232>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DA SILVA, R. Ansiedade e depressão: uma reflexão sobre os impactos da pandemia nas vidas dos brasileiros. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. 01-13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28317>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DE SOUZA, A. P.; MARIN, M. J. S.; RODRIGUES, P. S. O mundo sombrio das mulheres vítimas de violência: uma análise qualitativa dos boletins de ocorrência. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 97-105, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.97-105>. Acesso em: 14 ago. 2023.

FIORINI, M. C.; MORÉ, C. L. O. O.; BARDAGI, M. P. Família e desenvolvimento de carreira de jovens adultos no contexto brasileiro: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 43-55, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n1p43>. Acesso em: 14 ago. 2023.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais**. Curitiba: Juruá, 2021.

GRANJA, M. B.; MOTA, C. P. Estilos parentais, adaptação acadêmica e bem-estar psicológico em jovens adultos. **Análise Psicológica**, v. 36, n. 3, p. 311-326, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6673>. Acesso em: 14 ago. 2023.

JARDIM, M. G. L.; CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F. Sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade em universitários. **Psico-USF**, v. 25, n. 4, p. 645-657, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250405>. Acesso em: 14 ago. 2023.

JUSTOS, A. P.; LIPP, M. E. N. A influência do estilo parental no stress do adolescente. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 30, n. 79, p. 363-378, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412010.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MAIA, F. A.; SOARES, A. B. Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. **Estudos interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 59-82, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100005. Acesso em: 14 ago. 2023.

MALTONI, J.; DE CAMARGO, P. P.; NEUFELD, C. B. Sintomas ansiosos e depressivos em universitários brasileiros. **Psico**, v. 50, n. 1, p. 01-10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.1.29213>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MENSAH, M. K.; KURANCHIE, A. Influence of parenting styles on the social development of children. **Academic Journal of Interdisciplinary Studies**, v. 2, n. 3, p. 123-123, 2013. Disponível em: <https://www.richtmann.org/journal/index.php/ajis/article/view/1397>. Acesso em: 14 ago. 2023. =

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

QUEMEL, G. K. C. *et al.* Revisão integrativa da literatura sobre o aumento no consumo de psicotrópicos em transtornos mentais como a depressão. **Brazilian Applied Science Review**,

v. 5, n. 3, p. 1384-1403, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34115/basrv5n3-008>. Acesso em: 14 ago. 2023.

QUINTAL, M. S. F. **Os estilos parentais no bem-estar dos estudantes do ensino superior**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade da Madeira, Madeira, 2021. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3917>. Acesso em: 14 ago. 2023.

REMUS, K. **Os estilos parentais e possíveis relações em adolescentes com depressão**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/8434?show=full>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ROZEMBERG, L. *et al.* Resiliência, gênero e família na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 673-684, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.21902013>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SAKURAMOTO, S. M.; SQUASSONI, C. E.; MATSUKURA, T. S. Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes. **O mundo da saúde**, v. 38, n. 2, p. 169-178, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mis-36873>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SAMPAIO, I. T. A.; VIEIRA, M. L. A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 2, p. 198-207, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200002>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SCHESTATSKY, G. **Desempenho de uma escala de rastreamento de depressão (CES-D) em usuários de um serviço de cuidados primários de saúde de Porto Alegre**. 2002. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3381>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SOBRINHO, A. T.; CAMPOS, R. C. Percepção de acontecimentos de vida negativos, depressão e risco de suicídio em jovens adultos. **Análise Psicológica**, v.34, n.1, p.47-59, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.1061>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SOUSA, C. S. G. R. **A ansiedade social no jovem adulto: sua relação com os estilos parentais e com a vinculação na infância**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e das Organizações) Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_2e4f5b10691639077a73f8f3360dc8d9. Acesso em: 14 ago. 2023.

TONDOWSKI, C. S. *et al.* Estilos parentais como fator de proteção ao consumo de tabaco entre adolescentes brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 12, p. 2514-2522, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00168614>. Acesso em: 14 ago. 2023.

TONI, C. G. S.; SILVARES, E. F. M. Práticas educativas parentais e comportamentos de saúde e risco na adolescência: um modelo preditivo. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 74, p. 457-472, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-745356>. Acesso em: 14 ago. 2023.

VIEIRA, C. **Depressão-doença**: o grande mal do século XXI. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2018.

WEBER, L. N. D. Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, n. 1, p. 157-167, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349853220016>. Acesso em: 14 ago. 2023.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. de M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Revista para Psicologia América Latina**, v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>. Acesso em: 14 ago. 2023.

WHO. **Depression and other common mental disorders**: Global health estimates. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/254610>. Acesso em: 11 jun. 2022.